

Subsídios para uma análise da situação internacional¹

Erico Sachs

1) O mundo continua dividido em dois campos. Suas fronteiras separam dois sistemas econômicos, sociais e políticos opostos e irreconciliáveis. De um lado, o sistema capitalista-imperialista, baseado na exploração e em relações de produção anárquicas; de outro lado, o sistema socialista, que nos diversos países se encontra em níveis diferentes, mas que tem como denominador comum o fato de estarem derrubadas as velhas classes dominantes e que desenvolve ou tende a desenvolver a produção em bases coletivistas e planejadas. Essa contradição fundamental continua, em última instância, a determinar as bases da atual política internacional.

2) Só existem dois "mundos", pois entre capitalismo e socialismo não existe terceira ordem social. A terminologia do "Terceiro Mundo" tem a sua origem em teorias e conceitos burgueses, visa velar a contradição internacional fundamental e desviar dela.

O assim chamado "Terceiro Mundo" é parte integral e inseparável do mundo capitalista. Sua parte subdesenvolvida é objeto de exploração imperialista. As duas partes não passam de dois lados de uma só medalha, inseparáveis, porque a perda das regiões subdesenvolvidas implicaria para o capitalismo uma morte por sufocamento. Inseparáveis também, porque sem o domínio imperialista, a parte subdesenvolvida, mais tempo menos tempo, escolherá o caminho do socialismo para superar o seu atraso.

3) A contradição fundamental nas relações internacionais foi desencadeada pela Revolução de Outubro na Rússia e se tornou predominante e aguda com o desfecho da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos e a União Soviética se confrontaram diretamente como potências líderes dos dois blocos.

Os dois blocos são expansivos, apesar de temporariamente um dos dois se encontrar na defensiva. O expansionismo imperialista é inerente ao seu caráter explorador, que continuamente exige novos mercados de mercadorias e para investimentos. É particularmente expansivo, porque não pode conformar-se com o surgimento de um campo socialista, que subtraiu grande parte do mundo ao seu controle e que ameaça a sua própria existência. O campo socialista é expansivo, porque a sua extensão pelo mundo é parte da natureza do socialismo. Sua vitória definitiva e seu desenvolvimento para formas mais altas de comunismo só é possível em escala mundial. De imediato, o cerco do capitalismo freia o crescimento do campo socialista. Não é só o fato de o bloco socialista ser obrigado a gastar grande parte de seu produto social para fins de defesa, o qual faz falta na acumulação interna. Básico é o fato de o comércio externo com os países capitalistas não poder substituir uma divisão de trabalho socialista em escala mundial.

4) Hoje, os dois campos, o socialista e o imperialista, se enfrentam à base de um "equilíbrio de forças" militares, chamado também de "empate". Essa situação está sendo reconhecida por ambas as partes, que oficialmente reconhecem as fronteiras mútuas e a coexistência, e que se empenham em diminuir tensões perigosas existentes ou, pelo menos, mantê-las sob controle. A atual situação é o resultado do fortalecimento contínuo do campo socialista, atualmente em condições de revidar militarmente qualquer agressão imperialista.

Não foi sempre assim, mas depois de a União Soviética ter contornado a fase crítica do monopólio atômico norte-americano, tecnicamente está em condições de destruir a fortaleza, até há pouco inviolável, do imperialismo no continente americano. A capacidade de "destruição mútua e múltipla" representa a base material da atual coexistência.

O imperialismo norte-americano levou anos para reconhecer esses fatos. Suas intenções eram outras. Já durante a guerra, quando os Estados Unidos e a União Soviética publicamente ainda se apresentavam como aliados, o Pentágono já tinha elaborado os seus planos de pós-guerra. Estes previam um cerco militar da União Soviética, no Ocidente baseado na França; no Oriente, na China; e ao Sul, no Iraque e no Irã. Na realidade criada pelo pós-guerra não foi possível materializá-los. A França não estava disposta a servir como base militar dos Estados Unidos. No Extremo Oriente, a

¹ Texto originalmente publicado na revista *Marxismo Militante*, nº 7, mar. de 1980. Escrito sob o pseudônimo Ernesto Martins.

Revolução Chinesa liquidou os planos dos estrategistas americanos. Na segunda fase do planejamento militar do Pentágono, a França foi substituída pela Alemanha Ocidental e a China pelo Japão. País derrotado e ocupado, a Alemanha Ocidental se revelou ser uma base militar ideal e uma consequência da nova situação foi a fundação da República Federal e a criação de um novo exército alemão. No Japão, porém, os planos não puderam ser realizados com a mesma presteza. Por um lado, porque a potência de ocupação norte-americana em 1945 precipitadamente tinha decretado a completa desmilitarização do país vencido. Por outro, porque o povo japonês, ainda sob o choque de Hiroshima e Nagasaki por muito tempo resistiu a qualquer forma de remilitarização. O vácuo assim criado foi preenchido, por falta de outra alternativa, pelo estacionamento de tropas e unidades de frota no país e pela criação de um sistema de bases no Pacífico. No Oriente Médio, os planos pareciam realizáveis até a década de 1950, quando uma série de revoluções nacionalistas árabes mudou as relações de força na região e obrigou os estrategistas americanos a tornar mais modestas as suas ambições.

Enquanto a vulnerabilidade do planejamento americano não se tornou pública e notória, as preparações materiais e psicológicas para a guerra progrediram. A Guerra Fria tinha começado e o campo socialista se encontrava na defensiva. Não passou um dia sem que um general americano não ameaçasse bombardear uma capital de um país socialista. No início da Guerra Fria, para as chancelarias ocidentais era segredo de polichileno que o Pentágono considerava o ano de 1953 crítico para um confronto militar com a União Soviética.

Uma mudança nas relações de força começou a esboçar-se quando a União Soviética fez explodir o seu primeiro engenho atômico. Em seguida, antes dos Estados Unidos ainda, realizou a primeira explosão de uma bomba de hidrogênio. Foi um choque para a burguesia mundial. Seus peritos políticos e militares procuraram explicar os sucessos soviéticos com “espionagem” e continuaram a manifestar sua confiança na superioridade do Ocidente, respectivamente na sua aviação estratégica, em condições de levar a bomba atômica a qualquer lugar do mundo. Também essa superioridade se tornou ilusória, porém, quando em meados da década de 1950 o primeiro esquadrão estratégico aéreo atravessou os céus de Moscou, durante as comemorações da Revolução. Definitivamente enterrados estavam os planos de ofensiva do Pentágono, quando em fins da década de 1950 o primeiro Sputnik soviético penetrou no espaço e quando a União Soviética soube demonstrar dessa maneira que dispunha de foguetes melhores do que os americanos. Demonstrou que estavam em condições de descarregar a arma nuclear em qualquer clube particular de imperialistas americanos e revidar qualquer agressão com a mesma moeda.

A Guerra Fria tinha começado sob a bandeira do “represamento” (*containment*) do comunismo, fórmula diplomática sob a qual Foster Dulles entendeu o restabelecimento das fronteiras da União Soviética de 1939. É evidente que isso não representava a meta final do imperialismo americano, que sonhava com a eliminação do comunismo da face da Terra. Na medida, porém, em que o fortalecimento material da União Soviética não podia mais ser ignorado, os acentos tônicos mudaram. Entrou para o primeiro plano a doutrina da “retaliação maciça” (*massiv retaliation*), na qual os Estados Unidos ameaçavam com a guerra atômica nuclear caso a União Soviética mandasse avançar as suas tropas em direção ao Ocidente. A União Soviética não tinha a menor intenção de invadir o Ocidente, mas a nova doutrina já revelava caráter defensivo. Mas mesmo essa fórmula diplomática não pôde ser sustentada no decorrer das mudanças nas relações de força internacionais. A estratégia política e militar dos Estados Unidos passou por várias alterações, mas, forçada a se conformar com o equilíbrio militar, aceitou finalmente a coexistência — embora a interpretasse à maneira deles. No terreno militar surgiu a fórmula da “resposta flexível” (*flexible response*). Com isso, os Estados Unidos queriam deixar claro que não pretendiam transformar qualquer conflito militar em guerra atômica, mas tomariam uma posição adequada em cada caso. Entre os aliados europeus ocidentais surgiu, assim, a suspeita de que os Estados Unidos pretendiam usar armas nucleares somente em caso de ataque direto ao seu território.

A relação de forças entre os blocos mudou radicalmente. Sinal evidente é o fato de a União Soviética estar em condições de transportar tropas cubanas — pelo ar e pelo mar — a Angola e à Etiópia, sem que os Estados Unidos pudesse evitá-lo. Durante os anos 1950, quando as tropas americanas ocuparam o Líbano a fim de evitar a formação de um governo de esquerda naquele país, a União Soviética ainda teve de assistir passivamente à invasão, pois não tinha presença militar no Mediterrâneo.

5) O fortalecimento do campo socialista se deve principalmente à rápida reconstrução e ao crescimento interno da União Soviética no pós-guerra, e isso tem como efeito que um perigo agudo de guerra está eliminado a prazo. A posição dos Estados Unidos, por outro lado, sofreu desgastes no seio do próprio bloco que lidera.

Se Jimmy Carter iniciou a sua gestão sob o signo da “proteção dos direitos humanos” e continua querendo exportar essa mercadoria pelo mundo afora, ele visa antes de tudo dispor de um instrumento para que os Estados Unidos revejam a iniciativa diplomática frente à União Soviética. Mas não é só isso. Da mesma importância é para os Estados Unidos consolidar a sua liderança no mundo capitalista, que sofreu no decorrer dos últimos anos.

A posição dos Estados Unidos ficou evidentemente abalada pelo desfecho da guerra do Vietnã, sem o qual não se compreenderia uma crise interna, como Watergate. Não foi somente o fato de um país pequeno e subdesenvolvido no Sudeste da Ásia ter podido enfrentar o poderio militar do imperialismo mais forte o que afetou o prestígio dos Estados Unidos entre os seus aliados. A guerra mostrou que os Estados Unidos não são imunes contra tensões políticas e sociais internas. Essas tensões atingiram proporções que tornam improváveis intervenções estrangeiras diretas norte-americanas em futuro próximo. Com isso foi abalado o papel dos Estados Unidos como o “policia do mundo”.

Por trás das fraquezas políticas há mudanças básicas na economia mundial capitalista. Quando se formaram, no pós-guerra, os sistemas de alianças militares, políticas e econômicas do Ocidente, a liderança dos Estados Unidos era absoluta e acima de qualquer contestação. A economia americana realizou naquele momento mais da metade do produto industrial do mundo capitalista. O capitalismo europeu deve a sua sobrevivência à ajuda norte-americana (se abstrairmos os erros cometidos pelo campo oposto). Mas o único fator que ficou constante na situação de hoje é a liderança militar. Sem a proteção militar norte-americana, a Europa hoje também não poderia ser defendida. No terreno econômico, a Alemanha Ocidental e o Japão se recuperaram, fazendo hoje uma concorrência eficaz aos norte-americanos no mercado mundial e no próprio mercado interno dos EUA. A última crise mundial revelou essas fraquezas da aliança ocidental. Ela revelou antes de tudo que o crescimento da produtividade das indústrias alemã e japonesa foi maior e mais intensivo do que o da norte-americana. Os Estados Unidos ainda não perderam a sua liderança no terreno da produtividade (e provavelmente não perderão, pois estão reagindo), mas a dianteira do passado, que permitiu garantir um alto nível de vida à sua classe operária, diminuiu sensivelmente. No passado, a superioridade material do imperialismo norte-americano se manifestava na sua moeda, o dólar forte. Este atualmente está rolando de uma crise para outra. No decorrer de uma década, o dólar desvalorizou-se pela metade em relação ao marco alemão, por exemplo, e essa política monetária ultimamente foi fomentada pelo governo americano, para que os Estados Unidos pudessem concorrer com seus aliados no mercado mundial.

O enfraquecimento das posições econômicas dos Estados Unidos tem naturalmente as suas consequências políticas. Não só no relacionamento com os imperialistas aliados, no qual a luta pela concorrência se torna aberta, mas também nas relações com seus satélites do mundo subdesenvolvido. Conflitos públicos surgiram, por exemplo, quando o governo militar brasileiro, aproveitando-se das mudanças de relações de força interimperialistas, concluiu o Tratado Atômico com a Alemanha Federal. Até agora, tanto alemães quanto brasileiros resistiram à pressão norte-americana. Na África, é a expansão dos movimentos de libertação, de orientação socialista em escala crescente, que força tanto norte-americanos como europeus a concessões. O imperialismo procura “neutralizá-lo”, indo de encontro às reivindicações dos movimentos de libertação da Rodésia e da Namíbia. Pela mesma razão, se veem forçados a condenar a *apartheid* e se distanciam publicamente do seu aliado natural, a África do Sul.

Essas outras contradições não nos devem fazer cair na tentação de supor uma desagregação do sistema de alianças do mundo capitalista. Para compreender melhor as contradições do campo inimigo, temos de ver mais de perto a situação do imperialismo, as mudanças pelas quais está passando e a realidade que enfrentamos.

6) De todos os teóricos marxistas, foi inegavelmente Lênin que mais sistematicamente estudou o fenômeno do imperialismo. Sua obra continua ponto de partida indispensável da análise do imperialismo. Temos de estar cientes, entretanto, que também o imperialismo sofreu mudanças — principalmente em consequência da Segunda Guerra Mundial — que Lênin não podia prever. Assim, para Lênin, a época do imperialismo se caracterizava pela divisão do mundo em colônias. O desenvolvimento posterior mostrou que o imperialismo podia existir também sem a carga gravosa do domínio colonial direto.

Em segundo lugar, Lênin supôs que as potências imperialistas fossem forçadas a realizar redivisões periódicas do mundo, que guerras interimperialistas eram inevitáveis. A situação no fim da Segunda Guerra Mundial mostrou, entretanto, que o imperialismo não estava mais em condições de se expor a semelhantes abalos, e guerras interimperialistas deixaram de ser um fator na política mundial.

O fator decisivo dessas mudanças foi a expansão do campo socialista, que avançou até o centro da Europa, e o aumento do perigo de revoluções socialistas em países desenvolvidos e subdesenvolvidos

do mundo capitalista. As contradições interimperialistas passaram a um segundo plano, em vista da expansão do campo socialista e de ameaças de novas revoluções. Esse novo fenômeno foi caracterizado por diversos autores como "integração" ou "associação" imperialista. August Thalheimer falou da fase da "cooperação antagônica" do imperialismo. "Antagônica" porque as contradições insolúveis entre os diversos imperialismos continuavam a existir, mas em última instância prevalecia a "cooperação" pela manutenção do sistema contra o perigo revolucionário latente. Isso exclui a possibilidade da solução das contradições interimperialistas mediante guerras.

A história do pós-guerra mostrou que a "cooperação antagônica" pode reger igualmente as relações entre potências imperialistas e países subdesenvolvidos. Um exemplo típico nesse sentido forneceram os países produtores de petróleo no Oriente Próximo. Determina também as relações dos países latino-americanos com os Estados Unidos. O satélite subdesenvolvido rebela-se contra determinadas formas de exploração. A cooperação é restabelecida, não só porque a potência imperialista dispõe de meios de pressão, e sim também porque representa uma proteção para a posição e os privilégios das burguesias nativas.

Uma terceira mudança que o imperialismo sofreu relaciona-se às formas de exploração de países subdesenvolvidos. Imperialismo é exportação de capitais, mas até a crise de 1929 e até a Segunda Guerra os investimentos de países imperialistas se centraram quase exclusivamente nos setores primários e terciários de países subdesenvolvidos. Ferrovias, abastecimento de energia, portos, prestações de serviços urbanos e naturalmente a exploração de matérias-primas eram os objetivos principais. Esporádicos investimentos no setor de transformação se limitavam à indústria leve, têxtil e alimentos. Depois da Segunda Guerra Mundial, quando a industrialização de vastas regiões subdesenvolvidas se tornara fato consumado, o capital internacional começou a investir diretamente na produção, inclusive na indústria pesada. Criou-se uma comunidade de interesses entre burguesias imperialistas e nativas. Dessa maneira o capital internacional começou a controlar indústrias inteiras e processos de industrialização, criando um novo sistema de dependência através do monopólio da tecnologia moderna, sob seu controle. Também aqui encontramos um fenômeno novo, não existente nos tempos de Lênin, a do capitalismo subdesenvolvido dependente.

A exploração econômica mediante investimentos não se limita a regiões subdesenvolvidas. Durante todo o pós-guerra os imperialistas mais fortes investiram nas economias dos seus aliados mais fracos. Os Estados Unidos o fizeram na Inglaterra, Alemanha, França etc. A Alemanha e a Inglaterra fizeram o mesmo na Holanda, Bélgica etc. Dessa maneira, o mundo capitalista se tornou uma espécie de pirâmide, posta de cabeça, na qual os países mais fracos aguentam o peso dos mais fortes.

7) No campo socialista também se deram mudanças. Primeiro, a fase inicial stalinista tinha de ser superada. Essa se caracterizou pela reprodução fiel do modelo econômico soviético pelos novos países socialistas, que exigiu sacrifícios materiais imensos às suas populações. Característicos dessa época eram também os métodos brutais, com os quais a União Soviética aproveitou o seu predomínio no bloco, concluindo tratados comerciais desiguais e apropriando-se de uma parte do produto social dos seus aliados. Característica era também a imitação dos métodos stalinistas na política interna, que levava a processos monstruosos contra comunistas.

Essa fase estava superada em fins da década de 1950, e a mudança na Polônia com Gomulka representou um marco nesse processo. Foi seguida por uma reorganização do relacionamento entre países socialistas à base de cooperação e divisão de trabalho socialistas. Durante o período de transição, a União Soviética pagava às democracias populares uma espécie de reparação, que devia indenizá-las pelas injustiças sofridas no passado. Essas mudanças no relacionamento dos países socialistas reforçaram o campo todo e ajudaram o seu desenvolvimento — embora, como mostrou o caso da Tchecoslováquia, o problema do relacionamento com os aliados continuasse a existir e os métodos de solução continuassem extremamente duvidosos.

Em segundo lugar, os países socialistas sofreram uma série de cisões, o que indubitavelmente enfraqueceu o campo. O caso precedente foi o da Iugoslávia, em 1948, e não deixou de ser uma reação ao empenho da União Soviética em impor os seus métodos de política interna aos países aliados. A Iugoslávia, entretanto, não estava em condições de desenvolver uma política externa alternativa. Em virtude da sua fraqueza, teve de se contentar em equilibrar-se entre os blocos e criou uma colaboração estreita com o chamado campo "neutralista". Não chegou a reintegrar-se no bloco quando, no decorrer da "desestalinização" de Khrushchev, a União Soviética ofereceu penitência.

Vale a pena mencionar de passagem que o comportamento da União Soviética em relação à Iugoslávia teve uma analogia nas relações entre a Iugoslávia e a Albânia, outro confronto no campo socialista. A Albânia rompeu com a Iugoslávia e rompeu em seguida com a União Soviética, quando esta restabeleceu relações amigáveis com a Iugoslávia.

A superação do período stalinista no Bloco Soviético não se deu sem sérios abalos. Menos brusca se deu a passagem na Polônia, onde um governo comunista pôde seguir ao anterior sem maiores conflitos. Mais trágicos foram os acontecimentos da Hungria, onde todas as frações comunistas perderam o controle dos acontecimentos e forças abertamente contrarrevolucionárias tomaram a liderança da rebelião. A intervenção soviética representou o último recurso para a manutenção do socialismo naquele país.

A mesma coisa não se pode dizer dos acontecimentos na Tchecoslováquia, em 1968. De um lado, Praga mostrou quão explosiva se pode tornar a desestalinização quando adiada durante anos. Por outro lado, a "abertura" da vida política na Tchecoslováquia nunca chegou a tomar formas contrarrevolucionárias, como na Hungria em 1957. Apesar de fortes influências pequeno-burguesas, a política de reformas ficou no quadro de uma política comunista e não chegou a pôr em questão a constituição socialista do país. Nessas circunstâncias, a intervenção soviética tornou-se grave erro histórico que prejudicou a causa do comunismo no mundo inteiro.

O golpe mais grave que o campo socialista sofreu foi a desintegração da aliança entre a União Soviética e a China. Não teria sentido querer procurar hoje uma responsabilidade unilateral pelo acontecido. Fato é que os dois lados travam o conflito com métodos burocráticos, continuam a travá-lo assim, passando por cima dos interesses básicos da classe operária internacional e da Revolução Mundial.

A China naturalmente tem pleno direito de determinar o seu caminho de construção do socialismo, mesmo cometendo erros. A resposta soviética dada por Khrushchev, chamando técnicos e especialistas de um dia para o outro, evidentemente não era apropriada para solucionar divergências de opinião. A reação dos comunistas chineses, entretanto, foi da mesma miopia e ajudou a transferir os desentendimentos para o campo das contradições nacionais. Hoje é o imperialismo que tira proveito do conflito entre as duas potências comunistas e graças a ele pôde reforçar a sua presença no Extremo Oriente.

O caminho que a China escolheu no confronto com a União Soviética leva em medida crescente a posições duvidosas no cenário internacional. Ao contrário da Iugoslávia, a China não pode alegar uma posição de fraqueza. Mostrou-se incapaz, simplesmente, de elaborar uma alternativa às duvidosas pretensões de liderança russa nas lutas de classes internacionais. Não é por acaso que, na eclosão das divergências com a Albânia, usou os mesmos métodos que Khrushchev já tinha utilizado contra ela — chamou os técnicos e suspendeu a ajuda.

8) O equilíbrio de forças militares, ou o "empate" militar entre os blocos, eliminou os perigos imediatos de uma nova conflagração mundial. Isso, todavia, não significa que enfrentamos uma fase pacífica de relações internacionais. As contradições básicas da existência de dois sistemas sociais e econômicos opostos no globo só podem ser solucionadas pela destruição de um e pela vitória de outro.

O que é decisivo não é só o fato de a existência de um sistema socialista num quarto do globo tirar mercados de exportação e de investimentos ao sistema imperialista e impor freios à sua expansão. Decisivo, sobretudo, é que a existência do campo socialista representa um constante desafio à velha ordem e encoraja os oprimidos do mundo capitalista a rebelar-se contra a sua situação. Não dá descanso ao imperialismo.

Para o mundo socialista, por outro lado, o cerco capitalista representa uma barreira, que se manifesta em toda nova elaboração de seus planos de desenvolvimento e de crescimento. A obrigação de gastar grande parte do seu produto social em medidas de defesa economicamente não produtivas tem um efeito imediato sobre o nível de vida de seus habitantes. Os gastos para a defesa representam para os países socialistas uma carga muito maior do que para o imperialismo. Eles têm de dedicar para a sua segurança externa uma soma equivalente à do armamento das potências imperialistas, embora o produto social do campo socialista não represente a metade do dos países imperialistas.

Apesar disso, a corrida armamentista já se tornou um fardo também para o Ocidente, principalmente depois da crise de 1973. Para isso contribuiu também o fato de a União Soviética até agora ter estado em condições de produzir todas as armas modernas com as quais foi ameaçada e que hoje os dois blocos tecnicamente estão em condições de se destruir mutuamente. Essa espécie de corrida armamentista ficou sem sentido para o imperialismo, pois não superou o empate militar. Esse estado de coisas criou as premissas para o controle recíproco e para limitações parciais de armamentos, como chegaram a ser realizados em SALT-1 e como estão sendo negociados em SALT-2. Isso, porém, de maneira alguma significa que um dos dois lados tenha abandonado a esperança de alterar o equilíbrio militar existente em escala mundial a seu favor, pois essa é a única maneira de vencer o

ponto morto. O controle e as limitações só se referem a armamentos que os dois lados podem produzir.

Para o imperialismo, apesar de todas as decepções sofridas até agora, a esperança de superação do atual empate só pode estar no terreno militar. Já que o rearmamento até agora não cumpriu as suas finalidades, só resta aguardar o surgimento de superarmas, que superem tudo o que foi criado até agora e que possam eliminar todos os sistemas de armas existentes. Essa fé na função decisiva da técnica, os imperialistas norte-americanos têm em comum com os nazistas da Segunda Guerra, que na última hora da derrota ainda acreditavam que as suas "armas milagrosas" poderiam mudar os rumos da História. Trata-se das mesmas limitações filisteias da mesma classe de uma sociedade burguesa.

Para o campo socialista, a expectativa de uma mudança nas relações internacionais (quando abstrairmos de seu contínuo "progredir e ultrapassar") está em novas revoluções em países capitalistas. A região decisiva para tal mudança nas relações de força em escala mundial é formada pelos países industriais do Ocidente. Não só porque revoluções nos países industriais do Ocidente privariam o imperialismo americano dos seus aliados mais importantes, e sim, também, porque seu potencial industrial altamente desenvolvido estaria a serviço da Revolução Mundial. Uma Europa Ocidental Socialista, integrada ao campo socialista, seria um golpe mortal para o imperialismo norte-americano. Ainda não chegamos a esse ponto, mas cada revolução num país subdesenvolvido, que estreite o espaço vital do imperialismo, representa um passo nessa direção.

9) Falamos de choques de interesses, que periodicamente surgem entre a política externa de potências socialistas e o proletariado combatente (e movimentos de libertação) do mundo capitalista. Trata-se de um fenômeno natural que também teria lugar se a União Soviética e outros países socialistas não tivessem passado pelas deformações internas que conhecemos. (O que seria diferente, provavelmente, seriam os modos de solução dessas contradições.) Fato é que a política externa de um país socialista é encarregada, em última instância, de evitar perigos externos e facilitar a construção do socialismo. Os interesses históricos do proletariado do mundo capitalista consistem no combate ao sistema de exploração, em enfraquecê-lo e derrubá-lo em situações revolucionárias. É evidente que a prazo os interesses do proletariado nos países capitalistas e os das potências socialistas coincidem, pois o inimigo é o mesmo e o mesmo é o objetivo da destruição do capitalismo mundial.

Os pontos da partida, porém, podem ser diferentes. Novas revoluções podem tornar críticas as relações entre países capitalistas e socialistas, ameaçar relações comerciais e até provocar perigos agudos de guerra. Nos últimos anos antes da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a preocupação principal da União Soviética no terreno externo era evitar a formação de uma frente única dos países capitalistas contra si, e para isso procurou aproveitar as contradições interimperialistas, a fim de se beneficiar do apoio de uma nação imperialista contra a outra, em caso de ser atacada. Hoje, diminuíram as possibilidades do aproveitamento das contradições interimperialistas e a de uma aliança com uma fração contra a outra desapareceu, mas ainda existe o problema de não arriscar prematuramente as relações com o mundo capitalista, manter as conquistas até agora conseguidas e de não procurar perigos de guerra. A contradição de interesses também não é fenômeno novo, mas durante os primeiros anos do Estado Soviético foi tratada de outra maneira do que posteriormente. Na época de Lênin (e até o fim da década de 1920), a conclusão de tratados e alianças com países capitalistas não levou nem ao abandono dos objetivos revolucionários do proletariado nos referidos países nem a um abandono da linha fundamental na luta de classes diária pelos seus Partidos Comunistas. Existiu uma divisão de trabalho entre a política externa e o movimento revolucionário.

Essa situação mudou radicalmente na década de 1930, quando a União Soviética, sob Stalin, visou uma aliança com o imperialismo ocidental (primeiramente com a França). Daí em diante, o PCF foi colocado e se colocou a serviço da política externa soviética, e só o podia fazer em detrimento da própria luta de classes e sob o abandono das suas próprias tradições revolucionárias. O PCF entrou numa aliança com um partido burguês, os chamados radical-socialistas, de Daladier, que representavam uma fração do capital francês. Isso tinha de levar o proletariado francês ao caminho do reformismo. O PCF foi tão longe em sua política de colaboração de classes que chegou a se recusar a continuar apoiando a luta de libertação nas colônias. Um resultado dessa nova linha foi a cisão do PC da Argélia. (Na Índia, o PC seguiu uma linha semelhante. Essa atitude o condenou à impotência nos anos do pós-guerra.)

A nova linha de colaboração de classes que se realizou sob a bandeira da "Frente Popular" deu numa derrota para o proletariado francês. O movimento que começara como Frente Única Proletária contra o fascismo (PCF-SFIO e sindicatos) e que alcançou o seu auge em 1936 com as greves e ocupações de fábricas foi esvaziado pela aliança com os radicais e deixou profundas decepções entre as massas operárias, que mergulharam em prolongada passividade política. Em 1938, os sindicatos não estavam

mais em condições de realizar uma greve geral e o governo tinha passado para as mãos dos radicais burgueses, que se sustentaram com o apoio da direita e que concluíram o acordo com Hitler, em Munique, em 1938.

A França deu o exemplo clássico de Frente Popular, mas não foi o único que levou a uma derrota da classe operária. Na Espanha, foi sacrificada uma revolução inicialmente vitoriosa e trouxe quase quarenta anos de ditadura das mais sinistras. Em outros países, as consequências não foram tão graves, pois o proletariado não tinha tantas conquistas a perder... Mas também lá a sua ação independente de classe foi sacrificada ao apoio de uma burguesia "democrática" e "progressista".

A Frente Popular para nós não é mero passado histórico. Ela marcou decisivamente os Partidos Comunistas no mundo inteiro. Formou uma tradição de subordinação dos Partidos Comunistas nacionais sob a política externa da União Soviética, do abandono de uma política revolucionária adaptada à realidade do próprio país e, finalmente, trouxe para dentro do movimento comunista a tradição de alianças e de colaboração de classes. Essas tradições seguiram caminhos próprios. Hoje, os Partidos Comunistas que chegaram à conclusão de que não podiam mais ser manobrados por Moscou, como o italiano e o espanhol (os chamados eurocomunistas em geral), e que procuram uma linha independente, não encontram alternativa senão aprofundar as posições reformistas, de colaboração de classes numa crescente adaptação à política parlamentar burguesa. É esse, evidentemente, um resultado das tradições criadas dentro dos Partidos Comunistas com a política das Frentes Populares, das quais não sabem libertar-se. A oposição de Moscou ao eurocomunismo, além disso, não se relaciona ao oportunismo da política interna dos referidos partidos, e sim às suas veleidades de independência e seu distanciamento dos métodos políticos da burocracia soviética. Não estão porém em condições de formular uma crítica revolucionária frente ao problema na burocracia soviética e se limitam a uma argumentação de caráter parlamentar-burguês. O Partido Comunista Português, por sua vez, que foi o primeiro a abolir a ditadura do proletariado do seu programa, em 1974, nunca provocou a ira dos atuais dirigentes soviéticos, pois sobre a sua fidelidade externa também nunca deixou dúvidas.

Foi também a Frente Popular que marcou a suspensão da divisão de trabalho entre movimentos revolucionários em países capitalistas e a política externa soviética, que ainda representava uma herança dos tempos de Lênin. A estratégia da diplomacia tornou-se orientação para os PCs e refletiu-se na sua argumentação diária. O Manifesto de Paz de Estocolmo, o "Espírito de Camp David" e a "coexistência pacífica" tornaram-se palavras de ordem, que fizeram esquecer as tarefas de um movimento comunista.

Lutamos contra os preparativos de guerra dos imperialistas, mas isso não é idêntico a uma pálida "luta pela paz", que não poderá ser conseguida sem a destruição final do imperialismo. Apoiamos a coexistência, pois não temos interesse numa nova guerra mundial. Não podemos, porém, aplicar nem paz nem a coexistência nas relações entre as classes de uma sociedade baseada na exploração, tampouco como nas relações entre países dominantes e dominados. O vocabulário diplomático não é apropriado para preparar as massas oprimidas e exploradas para luta pela sua emancipação. A referida divisão de trabalho é necessária, porque as potências socialistas não podem fazer a revolução por nós. Isso somente os movimentos revolucionários nos nossos países conseguirão. Mas a divisão de trabalho é igualmente necessária porque o movimento revolucionário nos países capitalistas não está em condições de garantir a segurança e a defesa imediatas do campo socialista. Essa é uma tarefa que cabe a ele próprio e com os meios que estão a sua disposição. Onde se encontram os interesses dos dois lados, as potências socialistas apoiarão ativamente as novas revoluções, como acontece atualmente em Angola e na Etiópia. É essa comunidade de interesses, assim como essa colaboração em escala internacional, o que se definiu como Revolução Mundial nos tempos de Lênin. Pressupõe-se que ambas as partes se respeitem mutuamente e que estejam em condições de encontrar um denominador comum. É essa também a base da solidariedade internacional e não a submissão de uma parte à outra.

Vivemos hoje numa época em que, como nunca dantes, as lutas de classes nacionais são inter-relacionadas com a política mundial e com o relacionamento de forças em escala internacional. Para poder enfrentar essa situação, temos de retomar a experiência do leninismo e tirá-la do esquecimento. Essa herança tem que ser aproveitada criticamente, desenvolvida e aplicada de forma criadora às particularidades de cada país e à situação mundial a fim e criar novos pontos de partida para o enfraquecimento dos problemas das lutas de classes internacionais de hoje.